



# UM MENINO BATEU-ME À PORTA

Texto de  
Manuela Castro



Ilustração  
Ana Grana



LIVROS  
zigzag

Um dia um menino bateu à porta, falava uma língua desconhecida e o seu amigo era um gato. História comovente sobre um menino que fugiu à guerra e nunca perdeu a esperança de encontrar os pais.

‘Um Menino Bateu-me à Porta’, de Manuela Castro Neves, ilustração de Ana Granado, livros [ZIG ZAG](#)



<https://pt-pt.facebook.com/rtpdois/videos/um-menino-bateu-me-%C3%A0-porta-livros-zig-zag/401285883753629/>



Era outono, cheirava a castanhas assadas na minha rua e... *truz, truz, truz*, alguém me batia à porta.

Caíam as últimas folhas dos plátanos, soprava um vento demasiado fresco e... *truz, truz, truz*, alguém me batia à porta.

Abri. Era um menino de sete ou oito anos. Trazia ao colo um gato malhado e às costas uma mochila velha.

«Deve ter encontrado este bicho em qualquer lado e anda de casa em casa à procura do dono», pensei.

— Obrigada, menino. Esse gato não é meu nem nunca o vi aqui pelo bairro.

Não se mexeu. Olhava-me como se eu não tivesse dito uma única palavra.

— Qual é o teu nome? — perguntei.



Continuou calado. Seria surdo? Estava pálido, parecia muito cansado. Percebi que precisava de ajuda e, num gesto, convidei-o a entrar. Entrou de imediato e foi para junto da lareira acesa. Era certo que tinha frio. E fome? Dirigi-me à cozinha, preparei um copo de leite quente, um pão com doce. Porém, quando voltei à sala, o menino e o gato, deitados no chão, dormiam profundamente. Quem seriam? Porque estavam ali? De onde tinham vindo?

Aproximei-me. Toquei ao de leve no ombro do menino e disse baixinho:  
— Bebe, vai fazer-te bem.

Contudo, nem ele nem o gato se mexeram. Cobri-os com uma manta. Aconchegaram-se mais um ao outro e continuaram a dormir. Sentei-me perto, a olhá-los. De vez em quando, o gato ronronava, o menino respirava fundo e eu ali, como se alguém me tivesse encarregado de guardar os seus sonhos.





A certa altura, um barulho enorme quebrou o silêncio da rua. O menino acordou, levantou-se de um salto e correu a esconder-se debaixo da mesa. Afinal, ele não era surdo. Reagira ao barulho. Tentei explicar-lhe por gestos que se tratava do camião do lixo, que em breve partiria e nós poderíamos dormir descansados, mas ele dava sinais de não estar a entender nada. Só ao fim de muito tempo, ainda receoso, saiu do esconderijo. Voltei a oferecer-lhe o copo de leite. Bebeu um gole, depois fez uma conchinha com a palma da mão, deitou um pouco do líquido dentro dela, ofereceu ao gato e foram bebendo os dois. Um de cada lado. Corri, então, à cozinha e trouxe um prato de comida para o bicho. E foi aí que vi o menino sorrir pela primeira vez. Sorrir e falar. Disse: «shuckran». Eu nunca tinha ouvido aquela palavra, mas achei que era «obrigado», respondi «de nada» e fiz-lhe uma festa na cabeça. Voltou a sorrir.

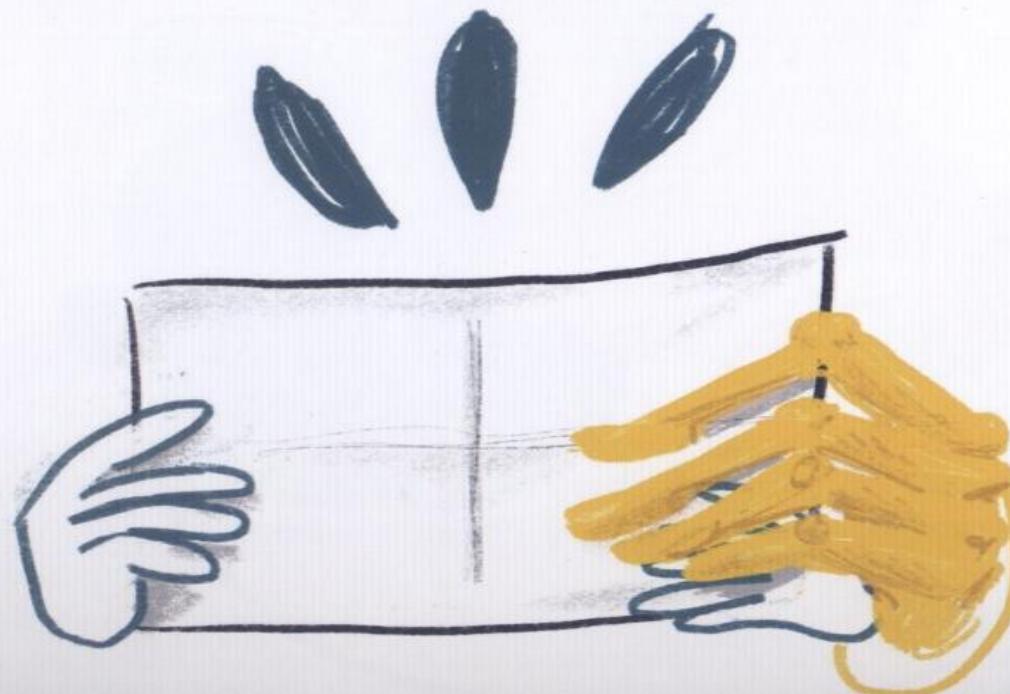
Passava das dez da noite, a Lua estava bem alta no céu e eu e um menino desconhecido, sem sabermos a língua um do outro, começávamos a entender-nos.

O dia vinha ainda longe. Era, portanto, tempo de dormir. Eu, na minha cama, o menino e o gato, junto à lareira, agora sobre um colchão pequeno que, entretanto, eu lá tinha colocado.



De manhã, preparei o pequeno-almoço. Desta vez não me esqueci do gato. Apontando os alimentos, eu disse: «pão, leite, sopas de leite». O menino disse «khobz», «halib». Eu repeti «khobz», «halib», o menino, «pã», «let». Aprendíamos os dois.

Quando acabámos de comer, ele levantou-se, pôs a mochila às costas, agarrou no gato, dirigiu-se para a porta e fez-me sinal de adeus. Segurei-lhe num braço. Apontei-lhe uma chuva miudinha que tombava. Abriu, então, a mochila, tirou de lá uma espécie de capa de oleado e, nesse gesto, deixou cair uma fotografia que o mostrava sorridente, no meio de um casal. Ao seu colo, um gato. Não aquele. Um amarelo, mais pequeno. Indicou a mulher e disse «um», o homem e disse «ab», o gato e disse «kithon», o que certamente significava «mãe», «pai», «gato».







«Este menino fugiu com os pais de um país em guerra, por alguma razão, perdeu-se deles e agora, batendo de porta em porta, procura abrigo e uma forma de os encontrar», pensei. Mesmo sabendo que ele não iria compreender as minhas palavras, afirmei:

— Conta com o meu apoio!

Voltei a segurar-lhe no braço com um pouco mais de força e, não sei bem explicar como, mas talvez porque lhe apontei um quarto, um armário e um nicho para o gato, convenceu-se a ficar. Tirou a mochila das costas, pôs o bicho no chão. Abraçámo-nos.

Passadas umas horas, fomos a um Centro de Acolhimento para Refugiados numa vila próxima. Lá, com a ajuda de uma intérprete, fiquei a saber que o menino se chamava Mohammed, que, de facto, tinha fugido com os pais de um país em guerra e que, numa confusão que não conseguia explicar, se perdera deles. Depois, a meu pedido, foi-me concedida a guarda provisória da criança. E agora o que deveria eu fazer para que se sentisse bem enquanto estivesse comigo? Dar-lhe conforto, carinho, comida, certamente, mas, sobretudo arranjar-lhe amigos. Apresentei-o então aos meninos da minha rua: Rui, Aicha, Martim, Vera, Miguel, Joana, Francisco e, umas vezes uns, outras vezes outros, quando regressavam da escola, vinham brincar com ele. Não sabiam falar árabe, nem ele sabia falar português, mas isso parecia não lhes fazer grande falta. Tinhama o futebol, as corridas, as escondidas, a apanhada, os saltos como linguagem comum. E entendiam-se bem. O gato ficava perto deles, a um canto, um pouco triste por não conseguir participar naquelas brincadeiras. O Mohammed, de vez em quando, ia fazer-lhe uma festa, dizia-lhe ao ouvido: «kithon latifon» («gato fofo») e ele ronronava. Tinha-o encontrado dentro de um caixote de cartão numa rua sombria, tão só e triste como ele próprio. Desde aí, haviam-se tornado grandes amigos.





O Mohammed e os outros meninos, ao princípio só corriam e saltavam, mas certo dia, a Aicha e o Francisco trouxeram livros de histórias que começaram a mostrar-lhe e, passado pouco tempo, muito admirados, vieram dizer-me que, «coitado», ele não sabia ler. E ainda mais admirados ficaram quando eu lhes respondi que estavam enganados. Sabia ler, sim, mas noutro alfabeto. Outro alfabeto? Então, não havia só um? Lá lhes expliquei que, além do nosso, o alfabeto latino, havia vários, entre os quais o árabe, o do Mohammed. E que até seria engraçado se o fossem aprendendo com ele e lhe ensinassem o nosso. Quando se convive com pessoas de culturas diferentes, surgem grandes oportunidades de trocar saberes. Que aproveitassem bem enquanto aquele amigo estivesse connosco. A partir daí, de vez em quando, lá os via então por breves momentos, a desenharem letras.

— Não sou capaz. São muito difíceis — diziam o Rui e o Martim. Mas iam tentando e, no fundo, até achavam divertido.

E tudo parecia correr bem. Porém, naquela tarde, não foi assim.

Naquela tarde, o Miguel e a Joana tiraram das mochilas alguns exemplares do trabalho em *origami* feito na escola: um coelho, uma rã, um cãozinho, um cavalo e um barco. O barco era o mais fácil de todos. Podiam ensinar-lhe, se ele quisesse. O Mohammed fez que não, depois, num gesto brusco, agarrou o barco, atirou-o para o chão, deitou a cabeça na mesa e desatou a chorar. Os outros olharam-me, aflitos. Que não tinham dito nada de mal. Sim, eu sabia. Mas sabia também, e expliquei-lhes, que o menino e os pais haviam atravessado o mar numa lancha que se afundara e que, provavelmente, o barco de papel reavivara-lhe a memória do naufrágio e de tudo o que se lhe seguira. Ficaram em silêncio. Eles tinham pai e mãe, que chegariam daí a pouco a casa. Tinham avós, tios, primos, todos falantes da mesma língua. Tinham histórias comuns. Tinham colo. Eles compreendiam. Um a um, puseram-lhe a mão no ombro e foram saindo.

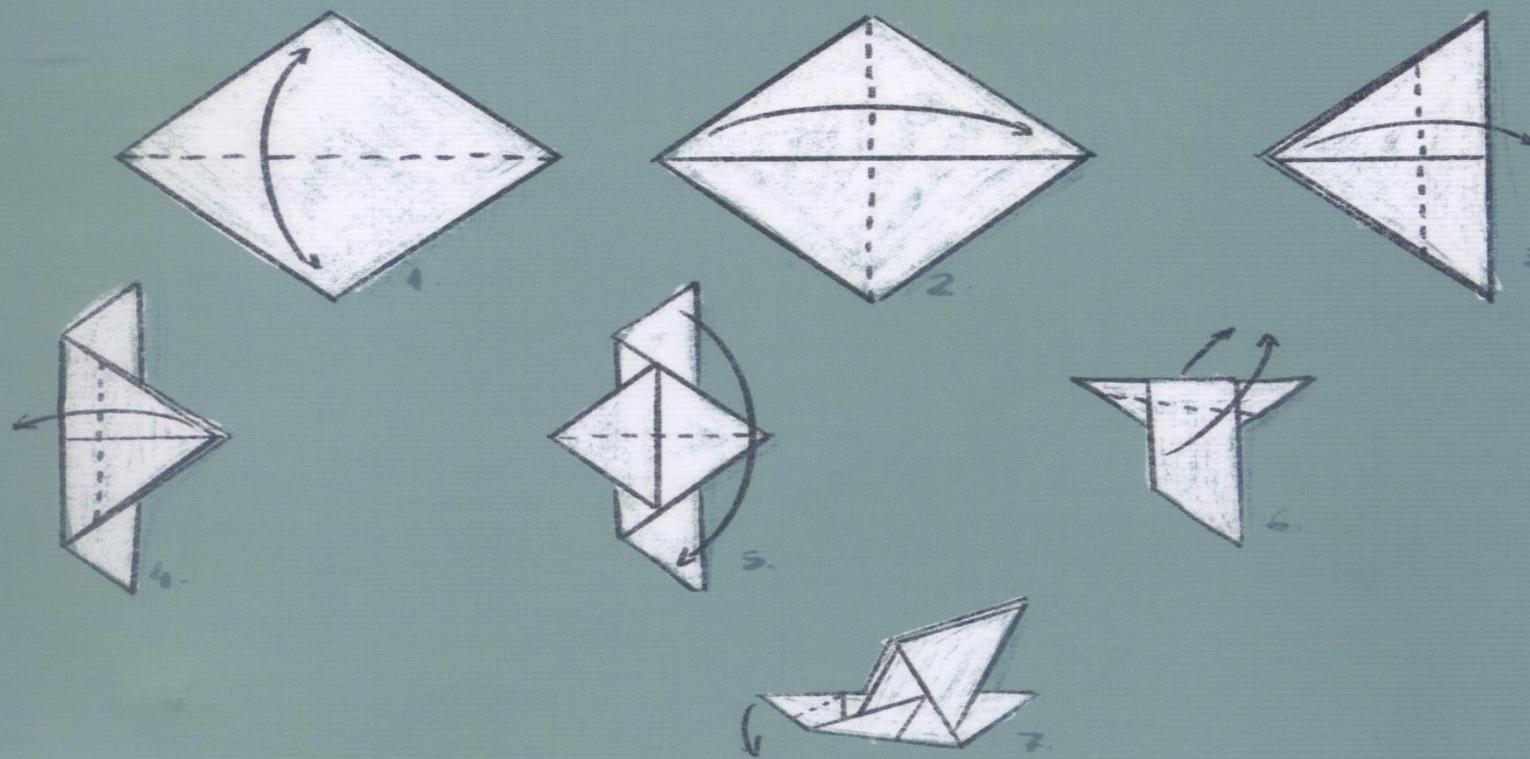


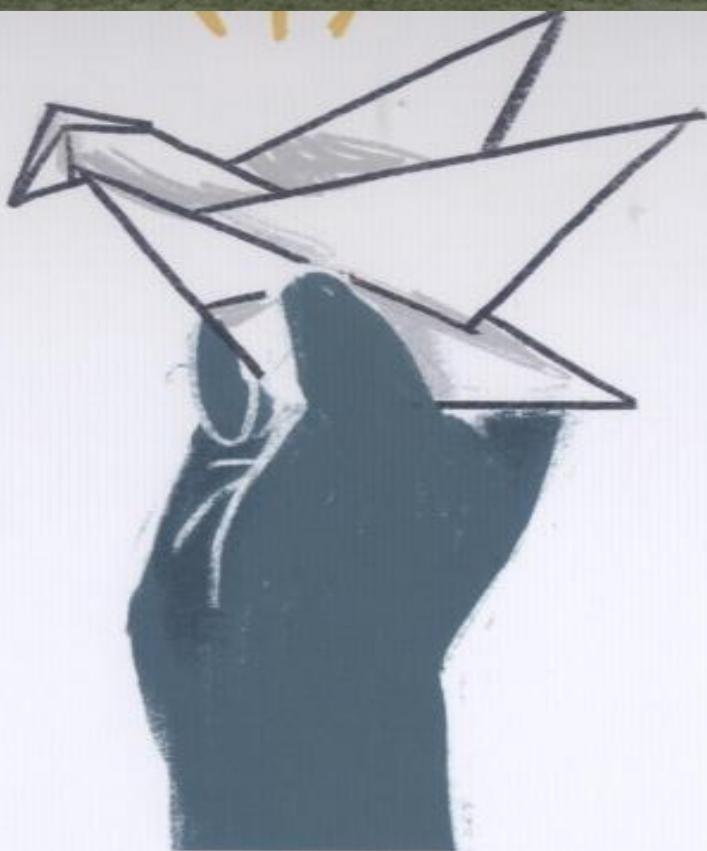
— É muito valente — comentavam alguns.

O Mohammed continuou a chorar e as lágrimas imensas eram agora um novo mar, onde também aquele barquinho se afundava.



Receei que os amigos não aparecessem mais ou que este incidente, de algum modo, perturbasse a relação entre eles. Porém, tal não sucedeu. No dia seguinte, voltaram à hora costumada e com um brinquedo novo, o diábolo. Dava a impressão de que o Mohammed já o conhecia, pois manobrava-o com destreza, e a tarde foi agradável. Tudo indicava que o acontecimento da véspera não deixara mágoas adicionais.





E o tempo foi passando. Certa vez, o Mohammed levou para junto dos outros várias folhas de papel. Quereria finalmente aprender a fazer o barquinho? Não! Desta vez, queria ensinar. A fazer um cavalo, um coelho, uma rã? Não! Uma pomba! Que vissem bem! Dobrou, voltou a dobrar, dobrou de novo e lá estava ela. Puxava-se a cauda e dava às asas. Levantava-se uma asa e a cabeça mexia.





— *Yammamato assalam* — declarou no fim. «Pomba da paz», teria dito se falasse português. Todos quiseram fazer uma igual e um pouco depois, já muitas pombas eram atiradas de um lado ao outro do quintal. O gato, que nunca tinha visto nada semelhante, saiu do lugar do costume e, entusiasmado, desatou a correr atrás delas.

— Cuidado para não as rasgares. Olha que são tão bonitas! — gritava alguém.

Com cuidado ou sem cuidado, o certo é que ficaram todas inteiras, cada amigo levou a sua quando foi embora e ainda sobrou uma, que o Mohammed me ofereceu com um grande sorriso:

— É para ti — disse.

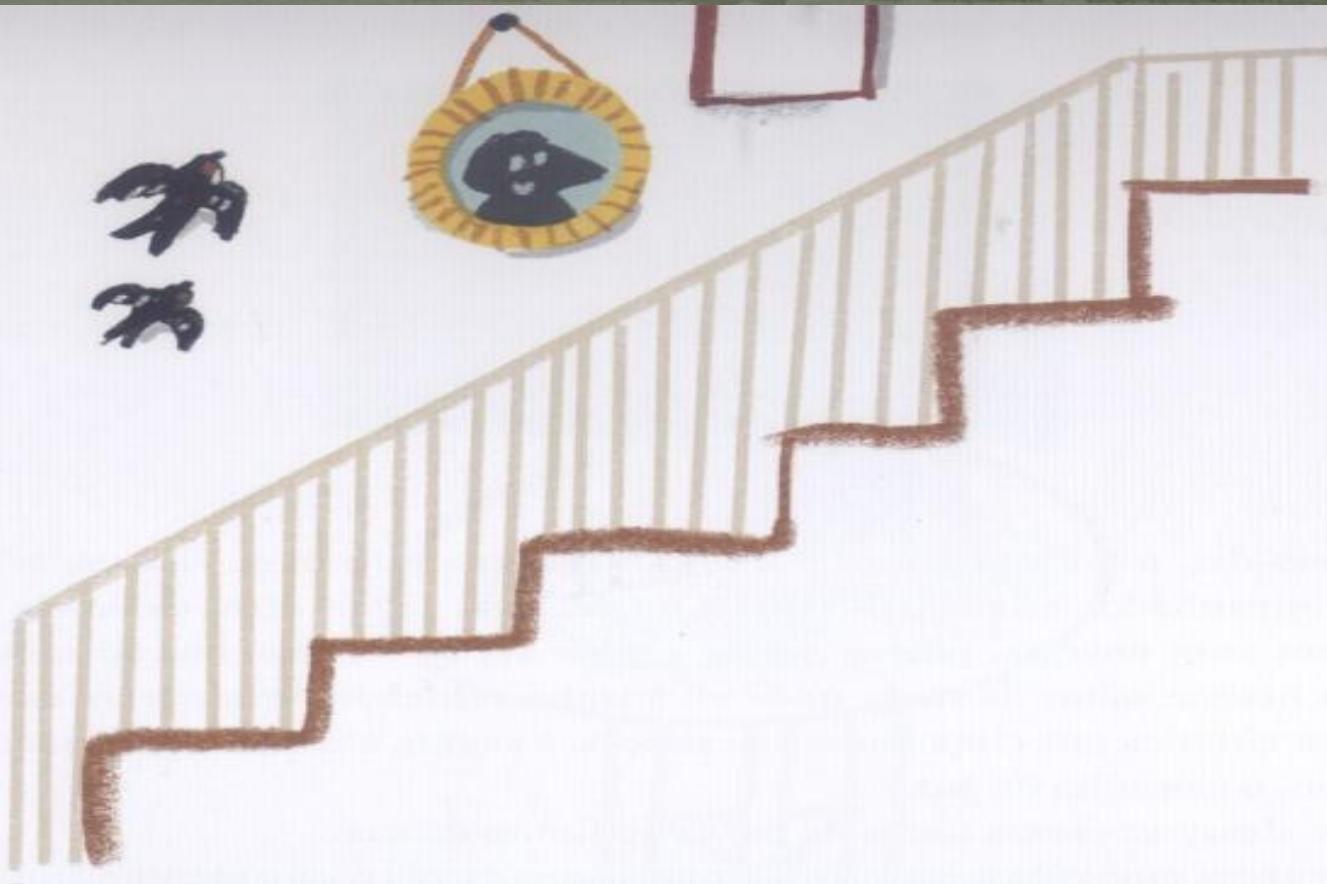
Esta era uma das frases que ele já sabia dizer em português.

— *Hada jamil. Shukraan* — respondi. («É bonita. Obrigada.») Essa era uma das frases que eu já sabia dizer em árabe. E, com todo o jeito, coloquei a pombinha sobre a mesa.



Durante estas semanas, quer eu, quer ele, progredimos muito na língua um do outro e mais teríamos progredido, se dezembro não tivesse chegado tão depressa. Mas chegou. Então, estávamos numa das primeiras manhãs de dezembro, a casa cheirava a café e a torradas e... *truz, truz, truz*, alguém me batia à porta.

Levantei-me e abri. Tratava-se de um homem e de uma mulher. Disseram o nome do menino. Reconheci-os logo. Eram os pais do Mohammed. Tinha-os visto na fotografia.



Que entrassem e o chamassem. E eles chamaram e chamaram mais alto, mais alto e o menino ouviu e veio a correr. Depois, abraçaram-se, abraçámo-nos, riram, rimos, choraram, chorámos. Acho que até o gatinho riu, que até o gatinho chorou. Ficámos ali a conversar, a beber chá e eu queria atrasar o momento, mas o momento chegou. O menino foi ao quarto, arrumou a mochila, agarrou no gato. Desta vez, eu não lhe segurei no braço.



Era meio-dia, o Sol espreitava por detrás de uma nuvem e... adeus, adeus, um menino acompanhado de seus pais saiu da minha casa. Fiquei atrás da janela a vê-los. Caminhavam com energia, passos seguros. Não sei se foi imaginação minha, mas vi a pomba branca saltar da mesa onde eu a tinha colocado, levantar as asas e voar, primeiro em círculos por cima das suas cabeças, a seguir, à frente como quem indica um caminho, o caminho da paz.

Depois, desapareceram todos na curva ao fundo da rua.

Irão ter agora uma vida nova, novos amigos, uma escola para o menino, um trabalho para os adultos. E quando sentirem muitas saudades do seu país, o Mohammed, menino valente, há de dizer-lhes com toda a convicção que «alyammamato assalam» («a pomba da paz») voltará um dia para os conduzir até lá. E mais: que «alkithon assfar» («o gato amarelo»), que tem sete vidas como os gatos de todo o mundo, estará à espera deles na soleira da porta da casa de sempre e fará logo uma grande brincadeira com «alkithon latifon» («o gato fofo»).

E, ao imaginarem isso, filho e pais, felizes por uns momentos, hão de abraçar-se muito.



# UM MENINO BATEU-ME À PORTA

«Na minha rua» é uma coleção de literatura infantil que reúne alguns dos melhores autores nacionais. Acreditando que é preciso semear na infância os valores que queremos para o nosso futuro, esta coleção de histórias ternurentas tenta sensibilizar os mais novos para valores que parecem ter entrado em desuso, como a tolerância, a gentileza, a humanidade e a bondade.

Nesta rua, um dia, um menino bateu a uma porta. Falava uma língua diferente e o seu único amigo era um gato. Foi acolhido, acarinhado e encontrou um lar. E, no conforto desse lar, esperou por quem procurava. Uma história comovente sobre um menino perdido que nunca perdeu a esperança.

Também na minha rua:

